

## Memória e temporalidade em narrativas jornalísticas: a efeméride “BH 120 anos” no jornal Estado de Minas

*Memory and temporality in journalistic narratives: the anniversary  
“BH 120 anos” in Estado de Minas*

*Memoria y temporalidad en las narrativas periodísticas: la  
efeméride “BH 120 anos” en el diario Estado de Minas*

Anna CAVALCANTI<sup>1</sup>  
Luciana AMORMINO<sup>2</sup>

### Resumo

Levando em consideração que o jornalismo pode ser um dos agentes para a constituição da memória social, este artigo reflete sobre a efeméride de aniversário de cidades em especiais jornalísticos. Partindo desse tema, discute o caráter de agenciamento da memória da cidade por parte do jornalismo e a tentativa de o jornalismo estreitar seu pertencimento e vínculo à memória da cidade. Para isso, é analisado o especial multimídia “BH 120 anos”, lançado pelo jornal Estado de Minas em 2017, por ocasião do aniversário de Belo Horizonte. Por meio de uma análise hermenêutica, busca-se refletir sobre as temporalidades, o gesto de memória efetuado e as estratégias narrativas adotadas que permitem vislumbrar um duplo movimento em relação à memória da cidade feito pela narrativa jornalística.

**Palavras-chave:** Memória; Jornalismo; Efeméride.

### Abstract

Considering that journalism can be treated as one of the agents for the constitution of social memory, this paper intends to reflect about a city’s anniversary in journalistic

---

<sup>1</sup> Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Pós-doutoranda na Westfälische Wilhelms Universität Münster (WWU). E-mail: [annacavalcanti@gmail.com](mailto:annacavalcanti@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3005-6537>

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais, com pesquisa financiada pela CAPES. Desenvolve pesquisas em memória, temporalidades, cultura e narrativas. E-mail: [luamormino@gmail.com](mailto:luamormino@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1137-4388>.



specials. From this theme, discuss the agency character from the memory of the city made by the journalism and the attempt of journalism to narrow its belonging and link to the memory of the city. Considering that, it analyzes the multimedia special “BH 120 anos”, made by the newspaper Estado de Minas in 2017, on the occasion of Belo Horizonte's anniversary. Taking a hermeneutic analysis, it seeks to reflect about the temporalities, the memory gesture performed and the narrative strategies adopted that allow to glimpse this double movement in relation to the memory of the city made by the journalistic narrative.

**Keywords:** Memory; Journalism; Anniversary.

### Resumen

Teniendo en cuenta que el periodismo puede ser uno de los agentes para la constitución de la memoria social, este artículo reflexiona sobre la efeméride de aniversario de las ciudades en especiales periodísticos. A partir de este tema, se analiza el carácter de agencia de la memoria de la ciudad por parte del periodismo y el intento del periodismo de fortalecer su pertenencia y vinculación con la memoria de la ciudad. Para eso, se analiza el especial multimedia “BH 120 anos”, lanzado por el diario Estado de Minas en 2017, con motivo del aniversario de Belo Horizonte. A través de un análisis hermenéutico, buscamos reflexionar sobre las temporalidades, el gesto de memoria realizado y las estrategias narrativas adoptadas que permiten vislumbrar un doble movimiento en relación a la memoria de la ciudad realizada por la narrativa periodística.

**Palabras clave:** Memoria; Periodismo; Efeméride.

### Introdução

O jornalismo é associado, de forma mais imediata, ao sentido de atualidade, o que permite que lhe seja atribuída recorrentemente a função de fazer a história do tempo presente. No entanto, a relação que estabelece com a temporalidade é mais complexa, uma vez que, ao tratar de acontecimentos do presente, as narrativas jornalísticas acionam e mobilizam temporalidades diversas, pois, conforme Antunes (2007, p. 91), “a temporalidade não é uma estrutura textual e nem um efeito de real; faz parte da atividade que constitui o texto noticioso como forma de acesso e conhecimento do mundo.”

Se tomarmos a perspectiva de Ricoeur (2010) sobre acontecimento como ato de palavra e narratividade do discurso histórico, podemos considerar que todo trabalho narrativizante que o jornalismo opera já traria uma complexidade temporal, a despeito da natureza do acontecimento. Por vezes, o jornalismo assume um papel memorialístico, especialmente na abordagem de datas comemorativas e eventos



históricos, ou seja, na cobertura de efemérides. Nessas situações que se materializam muitas vezes em edições e cadernos especiais, independentemente do suporte, há um processo de revisita ao passado, mobilizando-o em função das demandas do presente.

Especialmente ao lidar com a memória de cidades, menos que uma volta ao passado, especiais jornalísticos, assim como outros produtos midiáticos, evidenciam as fissuras na constituição da memória da cidade, que se ancora em um cotidiano permanentemente em tensão entre temporalidades múltiplas, experiências individuais e coletivas e disputas de poder, que coexistem na tessitura do espaço urbano.

Nesse sentido, as efemérides surgem nas narrativas jornalísticas como sinalizadoras da construção da memória social, ao participar das disputas que definem aquilo que deve ser lembrado e os modos de acionar determinadas lembranças. Assim, quando se dedica à cobertura de efemérides, entre elas o aniversário de cidades, o jornalismo parece reafirmar sua posição como lugar contemporâneo de memória, tal como apontam Huyssen (2000) e Nora (1993), contribuindo para a construção da memória social tanto por lançar luz sobre o passado como também, como considera Olick (2014), por prover os enquadramentos que formam a própria memória.

Partimos da premissa de que o jornalismo, mais que ser um lugar contemporâneo de memória ou um repositório de uma memória social, pode ser entendido como um agente social que atua diretamente na produção e no compartilhamento de memória. Assim, as escolhas narrativas feitas principalmente em edições especiais comemorativas, nas quais o tom memorialístico torna-se preponderante, lançam luzes e sombreamentos que contribuem não só para conformar o registro dessa memória compartilhada, mas para, nos termos de Olick (2014), conformar o próprio modo de lembrar.

Isso pode ser percebido no projeto multimídia “BH 120 anos”, produzido pelo jornal Estado de Minas e divulgado a cada 15 dias, de julho a dezembro de 2017, como um especial dedicado a Belo Horizonte, que completou seus 120 anos de fundação em 12 de dezembro daquele ano. O projeto é composto por 12 especiais temáticos em formato digital com versões para o impresso, sendo que, no ambiente digital, há a predominância de vídeos com depoimentos de personagens sobre os temas relativos à cidade de que trata cada especial. Já na versão impressa, nota-se que o gênero textual adotado é a reportagem, que toma como base os depoimentos do especial digital. Para este artigo, interessa-nos olhar para os 12 especiais em formato digital, que trazem *teasers* com sinopse de cada temática e vídeos com



depoimentos de cidadãos, com relatos que mesclam a memória individual às experiências coletivas e compartilhadas da cidade.

A partir, então, de uma leitura hermenêutica, nosso objetivo é refletir sobre o papel do jornalismo como agenciador da memória social na cobertura do aniversário de cidades e, ao mesmo tempo, entender como ele se inscreve em parte dessa memória. Partiremos, desse modo, de uma discussão acerca do jornalismo como mediador de efemérides para, em seguida, nos aprofundarmos no projeto a ser analisado.

É válido pontuar aqui que no processo analítico metodológico, tomando como orientação o pensamento hermenêutico ricoeuriano, reconhecemos que o caminho para a interpretação e a compreensão não é linear, logo, permite possibilidades interpretativas plurais, não encerradas em supostas verdades absolutas. Assim, nossa escolha parte de um aporte hermenêutico e conta com sua liberdade subjetiva, tendo em Ricoeur (2010) uma inspiração analítica.

### **O aniversário da cidade como acontecimento: jornalismo e efemérides**

O aniversário de uma cidade pode ser pensado como efeméride que se constitui em um marco na agenda social e jornalística, podendo situar um acontecimento histórico que é atualizado anualmente na esfera midiática. Por acontecimento midiático, considera-se, na perspectiva de Charaudeau (2006) e Mouillaud (1997), a construção e interpretação do acontecimento na esfera midiática, especialmente por parte do jornalismo. Embora Charaudeau (2006) considere que o acontecimento midiático careça de profundidade e a notícia seja a-histórica, uma vez que a noção de atualidade é importante no contrato midiático, faz-se necessário levar em consideração a relação entre jornalismo, acontecimento, e a complexidade temporal que envolve ambos.

Para o autor, o discurso de informação midiático apresenta duas características principais: efemeridade e a-historicidade, o que faria com que a mídia tivesse dificuldade em dar conta do passado e imaginar o futuro, reforçando seu caráter não-histórico. Essa “visão superficial de mundo” (CHARAUDEAU, 2006, p. 135), faz com que o acontecimento midiático não tenha nenhuma ou quase nenhuma perspectiva quanto ao passado e nenhuma ou pouca projeção para o futuro. A narrativa do acontecimento, por sua vez, ajudaria, por meio do blefe, a dar uma aparência de



espessura temporal a ele: “O acontecimento é convertido em notícia através de um processo narrativo que o insere numa interrogação sobre a origem e o devir, conferindo-lhe uma aparência (ilusória) de espessura temporal” (CHARAUDEAU, 2006, p. 135). A aproximação passado-presente só acontece, para Charaudeau (2006), quando há, pelo menos, um elemento novo a ser apresentado na notícia ou em situações de comemoração, dentro da qual se situaria o aniversário de cidades.

Retomando as considerações de Charaudeau (2006), Antunes (2007) considera que a questão principal deve ser problematizar a relação entre notícia e historicidade. Segundo ele, “a notícia não trata de uma retrospectiva de acontecimentos históricos, (...) mas orienta-os por linhas de fuga que figuram representações de passado e futuro” (ANTUNES, 2007, p. 35). A questão que o autor coloca é: como a composição textual da notícia engendra o tempo dos acontecimentos e produz o sentido de atualidade? Retomando Ricoeur (2010), Antunes considera que ela o faz articulando as dimensões de passado, presente e futuro, condensando um triplo presente. Para ele, não apenas acontecimentos com densidade histórica remetem necessariamente ao passado, a uma memória, na construção da narrativa jornalística, pois a história seria “parte do ‘fundo’ contra o qual se projeta a informação nova da notícia” (ANTUNES, 2007, p. 32).

Isso levaria a considerar que todo o trabalho narrativizante dos acontecimentos já traria uma complexidade temporal, a despeito da natureza do acontecimento. Esse desdobramento temporal seria, a partir de Quéré (2005), próprio do acontecimento, que, segundo o autor, se desdobra em passado e futuro: “[o acontecimento] abre um horizonte de sentido, em particular introduzindo novas possibilidades interpretativas, relativas tanto ao passado como ao presente e ao futuro” (QUÉRÉ, 2005, p. 69).

O jornalismo, ao construir narrativamente um acontecimento, dando a ele a chancela de “especial”, reforça a importância de tal acontecimento para a sociedade. Uma abordagem mais interpretativa, além do retorno do acontecimento na agenda midiática quando se trata de um acontecimento comemorativo ou histórico, contribui para uma sobreposição de tempos históricos, conforme aponta Matheus (2014), o que se materializa por meio da reprodução de fatos e personagens do passado, atualizado em edições comemorativas, retrospectivas ou boxes de memória. “Ao evocar os ‘tempos idos’, o jornal não está ‘recuperando o passado’, mas



configurando narrativamente vários passados, várias camadas temporais, ainda que apresente esses múltiplos tempos de forma linear” (MATHEUS, 2014, p. 247).

Babo-Lança (2012), por sua vez, considera que, nas notícias do dia, ou notícias factuais, o acontecimento é da ordem do inesperado, do novo ou do inédito e introduz uma descontinuidade: enquanto retomada do passado, como acontece nas sínteses do ano, ou, também, nas efemérides como os aniversários da cidade, os *media* atuam como agentes na constituição da memória coletiva, influenciando os modos de rememoração pública.

A seleção do que se entende ter marcado o passado constitui um mecanismo de apropriação e construção da relação aos acontecimentos passados e à história, mediante a procura, a exploração, o uso da memória, o ponto de vista do jornalista ou do narrador (BABO-LANÇA, 2012, p. 61).

No caso das efemérides, colocadas no lugar privilegiado de remissão ao passado, ao serem evidenciadas jornalisticamente, podem ser entendidas como aquilo que presentifica o passado em ritmo cíclico e constrói a memória no espaço jornalístico efêmero. Essa rememoração de datas históricas emblemáticas projeta sobre a cidade histórias vividas, supostamente invisíveis na geografia das ruas, reinventadas a cada narração tecida por questões propostas pelo presente.

Como uma forma de apropriação do passado, observa-se na incidência cíclica da efeméride, um desejo de futuro que visa à sua permanência na memória social por meio de uma possível recorrência do seu conteúdo, que não é temporalmente perecível. Esse tipo de acionamento é produzido como arquivo e pode ser periodicamente revisitado a critério do que é escolhido para ser lembrado. Assim, por meio das efemérides, o jornalismo enfatiza as manifestações da memória coletiva, a forma pela qual os grupos humanos conservam a lembrança de seu passado. Ao fazer essas memórias recircularem, abre-se espaço a uma memória que não é estanque, mas constantemente reiterada, à medida que toca o presente ciclicamente.

Nos casos em que uma efeméride é retomada, o presente oferece aos indivíduos um quadro e uma perspectiva para avaliar e entender algo do passado. Dessa maneira, quando abordamos esse acionamento, geralmente focamos em uma representação narrativa do passado; no entanto, ao discuti-lo, devemos levar em conta que a efeméride não é apenas uma narrativa do passado, mas um processo multidirecional,



entre passado e presente, que concretiza uma memória cultural. Assim, o acionamento da efeméride é igualmente fruto de disputas, sendo sempre necessário ser renegociado, restabelecido e mediado uma vez mais, de forma que seja continuamente lembrado.

Em situações comemorativas, nas quais se enquadram os aniversários da cidade, é recorrente que a data seja lembrada por ações que mobilizam vários atores sociais, entre os quais está a mídia. Não raras vezes, são vistos especiais sobre a cidade, que lidam com a temática em forma de retrospectiva, mostrando o ontem e o hoje, ou mesmo fazendo um trabalho memorialístico, conforme veremos a seguir.

### **A memória da cidade em pauta**

Pode-se considerar a memória, conforme o pensamento de Ricoeur (2010), como a presença do ausente ou, ainda, como gesto de atualização do passado para dotar de sentido o presente. Isso nos leva a concebê-la não como um banco de dados ao qual se tem acesso por meio da lembrança, mas como um processo social que implica o agenciamento de temporalidades diversas. Ampliando a noção de memória para além do ponto de vista individual e psicológico, Halbwachs (1990) defende a ideia de memória formada a partir de influências do meio social em que o indivíduo está inserido, que conforma quadros sociais da memória. Propõe, dessa forma, numa perspectiva durkheimiana, o conceito de memória coletiva criada a partir das relações sociais e do reconhecimento do indivíduo nessas relações, uma vez que a memória individual seria um ponto de vista sobre a memória coletiva.

Vinculado a uma perspectiva construtivista, Pollak (1989), por sua vez, considera que não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, como o fazia a visão durkheimiana que inspira o pensamento de Halbwachs (1990), mas de “analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade” (POLLAK, 1989, p. 3). Dessa forma, aplicada à memória coletiva, essa abordagem busca entender os processos e atores que intervêm no trabalho de constituição e de formalização das memórias.

Nas sociedades contemporâneas, um desses atores, na perspectiva de Huysen (2000), seria a mídia que, segundo ele, se torna um dos principais lugares em que se reafirmaria e estabilizaria a memória coletiva de determinado grupo social. Essa proposição vai ao encontro do que coloca Nora (1993). Ao tratar sobre o lugar da história e da memória na sociedade contemporânea, Nora (1993) considera que a



mídia contribuiu para o dilatamento da percepção histórica, o que causou a substituição de uma memória “voltada para a herança de sua própria intimidade pela película efêmera da atualidade” (NORA, 1993, p. 8). Assim, voltando o olhar para o pensamento de Halbwachs (1990), atualizado por Nora (1993) e Huyssen (2000), podem-se levantar as seguintes questões: como atualizar a concepção de memória para se pensar as sociedades atuais, em que a tradição e a estabilidade cedem lugar à pluralidade de atores sociais que participam dessa construção, entre eles, a mídia? Como olhar para as narrativas da memória de cidades, compostas por vários agentes e por experiências singulares e coletivas, entre eles, o jornalismo?

Em se tratando de memória de cidades, Abreu (2011) considera que indivíduos, famílias e grupos sociais são os responsáveis por ancorar as memórias no espaço. No entanto, a cidade não é “um coletivo de vivências homogêneas” (ABREU, 2011, p. 28), e são as relações sociais, que incluem dominação, cooperação e conflito, que variam tanto no tempo como no espaço, que permitem que surja uma memória social. Dessa forma, segundo o autor, a vivência na cidade possibilita que surjam várias memórias coletivas, distintas, tendo em comum o vínculo à própria cidade.

É através da recuperação das memórias coletivas que sobraram do passado (estejam elas materializadas no espaço ou em documentos) e da preocupação constante em registrar as memórias coletivas que ainda estão vivas no cotidiano atual da cidade (muitas das quais certamente fadadas ao desaparecimento) que poderemos resgatar muito do passado, eternizar o presente, e garantir às gerações futuras um lastro importante para a sua identidade (ABREU, 2011, p. 28).

No entanto, é válido pontuar que, ao tratarmos de memória, o sentido de recuperação se esvai: o passado é retomado no presente sempre em fricção, criando novas percepções e sentidos, ou seja, num processo de constante refiguração, pensando a partir do conceito ricoeuriano. Assim, a memória sobre a cidade é permeada por sentidos que circulam e recirculam, acionados por um passado que entra em constante tensão com o presente e com projeções e perspectivas de futuro.

Retomando o pensamento de Ferrara (2000) sobre memória de cidades, Amormino, Sena Maia e Valle (2020) apontam que caracterizações diferenciadas do passado são criadas, caso se tenha o espaço ou o tempo como suporte da memória. No primeiro caso, há a presença preponderante da visibilidade, ou seja, da busca de ícones do passado para se constituir uma iconografia da memória, nesse caso,



autorizada e chancelada como oficial. No segundo caso, em que o tempo se torna suporte da memória, há uma presença mais forte das narrativas por meio das quais o passado é lembrado sem se distinguir se é uma referência real ou fictícia tornada real por meio da memória.

Cria-se, por meio da narração, uma realidade da memória, que se constrói pela aglomeração de lembranças do passado. Dessa maneira, o tempo e suas lembranças constroem o espaço da cidade como sendo aquele lugar capaz de oferecer ao cidadão uma sensação de pertencimento. Um lugar diluído no cotidiano de ontem e de hoje, mas que é recuperável pela narrativa que reúne, em um texto, as impressões de ontem que fazem sentido na vivência de hoje (AMORMINO; SENA MAIA; VALLE, 2020, p. 422).

Assim, o entendimento sobre o acionamento de uma memória de caráter coletivo pressupõe levar em consideração as cidades que habitam as experiências dos indivíduos, compreendidas, aqui, no plural por serem vinculadas a experiências que podem ser conflitantes e tensionadas, singulares e coletivas, comportando projetos e experiências diferentes de uma mesma cidade. Também implica considerar as temporalidades que são tensionadas na constituição dessas memórias que pretendem dar conta de um coletivo, buscando compreender, nessas narrativas, projetos de cidades ao mesmo tempo singulares e partilhados.

### **BH 120 anos: entre o individual e o coletivo, a cidade compartilhada**

O aniversário de Belo Horizonte é, assim como acontece com outras localidades, um marco social que mobiliza ações que envolvem poder público, cidadãos e a mídia, que, muitas vezes, aborda essa efeméride com a chancela de “especial”, como se deu em 2017, quando do aniversário de 120 anos da capital mineira. Nessa ocasião, Belo Horizonte, mais uma vez, foi personagem de destaque nos principais jornais mineiros, tais como *O Tempo*, *Hoje em Dia* e o *Jornal Estado de Minas*, que lançou o projeto multimídia “BH 120 anos”, formado por 12 especiais em formato digital com versões para o impresso.

Vemos, neste caso, um exemplo de narrativa jornalística que sinaliza a construção da memória social ao participar das disputas que definem aquilo que deve ser lembrado e os modos de acionar determinadas lembranças. Aqui, o jornalismo se mostra como encapsulador e disseminador da memória sobre a cidade.



Processos relevantes ao conteúdo memorialístico são expostos e tematizados: traumas, discursos terapêuticos, lembranças biográficas e nostalgias<sup>3</sup>. Dessa forma, percebe-se o jornalismo atuando como agente de memória e, igualmente, tentando estreitar seu vínculo e pertencimento à cidade.

O primeiro especial, “Horizontes”, por exemplo, traz o seguinte subtítulo: “Quem são alguns dos moradores que levam Belo Horizonte para além dos limites da Serra do Curral”. A proposta é mostrar três personagens que se destacam em suas respectivas áreas e, de certa forma, ampliam os horizontes de Belo Horizonte. Os escolhidos foram Berthier Ribeiro-Neto, diretor de engenharia para a América Latina do Google; Miqueias do Valle, judoca que tem o sonho de disputar as Olimpíadas 2024; e Priscila Amoni, artista e idealizadora do Cura.

Os cenários onde foram gravados os depoimentos reforçam o trabalho de cada um deles, e as falas iniciam-se sempre com uma minibiografia, em que os personagens contam um pouco de sua trajetória, as escolhas profissionais feitas e sua relação com a capital mineira. Nesse especial, o tom biográfico parece ditar a tônica dos depoimentos. Vemos, assim, que a memória biográfica sobrevém, acionando a temporalidade de um jornalismo mais literário e menos factual. Esse perfil de criação editorial aponta para um sentido de memória mais durável e menos perecível, que ganha força por ser um caderno especial, ou seja, que formula uma temporalidade destacável da que é cotidianamente mediada.

Além disso, a relação da cidade com as escolhas de vida dos personagens que a representam para além das suas fronteiras ganha evidência. A memória individual, além de reforçar narrativas de si, parece estar a serviço, nesse especial, de prestar uma homenagem à cidade que os acolheu e deu asas aos seus sonhos, como pode ser observado na fala de Miqueias do Vale: “Não troco BH por lugar nenhum”. Aqui, vemos, conforme colocado por Abreu (2011), a cidade de Belo Horizonte como depósito de memórias por parte de cidadãos que são, também, responsáveis por ancorar as memórias nesse espaço.

---

<sup>3</sup> Adotamos o termo “nostalgia” no sentido que propõem Ribeiro e Maduell (2017, p. 261), como uma prática mnemônica em que o passado é valorizado em detrimento do futuro, cujos sentidos atuais permitem tomá-la como um “fenômeno complexo”, “que algumas vezes aciona sentidos idealizados e conservadores em relação ao passado, mas que também pode fundamentar utopias e projeções em relação ao futuro”.



Em “Sentidos”, a proposta foi ouvir moradores com alguma deficiência, que “revelam a capital que muitos não enxergam ou ouvem”. Os personagens selecionados foram Ricardo Malta, dançarino; Maria Regina Paes, fundadora da Pastoral dos Surdos; Elizabet Dias de Sá, coordenadora do Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual; e Aldemar Alves e Hélio de Melo, surdos.

Todos os personagens portam alguma deficiência, sendo predominantemente surdos e cegos. Os lugares escolhidos para todos os depoimentos desse especial foram cartões-postais da cidade, tais como a Casa do Baile, integrante do conjunto arquitetônico da Pampulha; o Centro Cultural Banco do Brasil, que faz parte do Circuito Liberdade; o Parque Municipal Fazenda Lagoa do Nado; e o Mirante do Mangabeiras. Cumprem, de certa forma, uma função referencial de locais que, para além dos cidadãos belorizontinos, recebem turistas, evidenciando como a cidade, hoje, acolhe ou não pessoas com deficiência, especialmente em tais pontos turísticos, e apontando questões atuais que perpassam uma cidade que pretende ser inclusiva, uma dimensão de futuro que emerge dessa demanda do presente.

As falas giram em torno das lembranças sobre a cidade e da experiência de ser uma pessoa com deficiência, bem como das demandas quanto à inclusão. Aqui, a efeméride aniversário da cidade traz questões que envolvem tanto a experiência mais individual, buscando alcançar a vivência na cidade por quem passa pela privação de um ou mais sentidos, quanto a projeção de futuro, de expectativa sobre a cidade que se quer, ao lançar luz sobre demandas atuais dos cidadãos com deficiência. As temporalidades se articulam nessa narrativa de forma peculiar, sendo que cada experiência particular da cidade faz coro a uma demanda compartilhada pelos personagens, dando a esse especial uma perspectiva ainda maior de pertencerem a um coletivo, a um espaço comum. A memória, nesse caso, parece atender às questões latentes do presente e ancorar projeções de futuro.

“Esquinas” apresenta memórias sobre cruzamentos de ruas e avenidas famosas da capital mineira, pontos de encontro de histórias e tradições: a esquina ao qual remete o nome do movimento musical “Clube da Esquina”, sobre a qual falam Marilton Borges, Márcio Borges, Telo Borges, Murilo Antunes, Toninho Horta; a esquina da Praça Sete de Setembro, onde está instalada a Galeria do Rock, que é apresentada pelo músico Fran Lurex; a esquina do Minas Tênis Clube, sobre a qual discorre o jogador de vôlei Pelé do Vôlei; e a esquina onde está instalado o tradicional Bar do Orlando, cujas histórias são contadas pelo atual dono, Orlando Júnior.



Casos engraçados sobre o início do Clube da Esquina marcam as falas sobre a emblemática esquina do Santa Tereza, bairro que também figura na referência ao Bar do Orlando. Em relação ao depoimento de Orlando Júnior, a fala gira em torno de memórias sobre o bar e o bairro nos primórdios da capital mineira, revelando os ares interioranos do entorno. O tom nostálgico está presente em ambos os depoimentos, tanto por quem vivenciou o que relata, como no caso dos membros do Clube da Esquina, quanto por quem ouviu contar de seus antepassados, como é o caso de Orlando Júnior, terceira geração de donos do bar.

A escolha por essas duas esquinas de um mesmo bairro como destaque nesse especial chama atenção por evidenciar a construção de uma memória sobre a cidade que gira em torno de bairros tradicionais e da região central. Ao reforçarem esses lugares como importantes para a memória de Belo Horizonte, evidenciam, também, escolhas sobre a não-valorização dos lugares para além da Avenida do Contorno, a periferia, as esquinas que não estão ali registradas, reiterando um discurso oficial da memória de Belo Horizonte que tende a fazer o mesmo gesto excludente. Já na fala de Fran Lurex sobre a Galeria do Rock, localizada no hipercentro, na Praça Sete, também pode-se sentir a nostalgia de quem viveu os tempos áureos da galeria e que, hoje, questiona decisões do poder público para manter a efervescência cultural do lugar, que está em decadência. A nostalgia também predomina na fala de Pelé do Vôlei sobre a esquina do Minas Tênis Clube, onde ele foi recebido várias vezes pela população após ganhar campeonatos. Entre o lembrar e o esquecer intrínsecos à narrativa midiática, vemos, aqui, a importância de pensar o jornalismo como um dos responsáveis por transformar a cidade em uma tensa topografia da recordação, especialmente por sua capacidade de produzir fissuras sobre o narrar hegemônico.

O especial “Números” busca apresentar dados da economia à cultura e, em sua narrativa, apresenta, além dos depoimentos, infográficos que reforçam os dados numéricos relativos a cada abordagem. Assim, lemos dados sobre idosos, que permeiam a fala de Raimunda Luzia, belorizontina de 106 anos; dados sobre desemprego, a partir da fala de Jonathan Wilker, vendedor de bala; dados sobre venda de queijos, com o comerciante José Edmundo, que está, há 61 anos, como comerciante na Feira dos Produtores, patrimônio da cidade; o preço da viola e o número de violas construídas por Elias de Souza; e o número de alunos da Orquestra de Viola, sobre a qual comentou Lucas de Oliveira.



Nesse especial, temas que são geralmente adotados em cobertura de aniversários de cidade, tais como cidadão mais velho e o comerciante mais antigo da feira, são colocados lado a lado com o número de desempregados na cidade e a valorização de um patrimônio que é a viola, cujo reconhecimento como patrimônio cultural de Minas Gerais estava em vias de acontecer, sendo declarada no ano seguinte, em 2018. Há, em certa medida, uma humanização dos números em função de temas que se vinculam de algum modo à esfera da tradição, que parece ser um modo de ancoragem das experiências da cidade e, conforme Halbwachs (1990), da própria memória coletiva. No entanto, nesse especial, a tradição é revisitada e atualizada por meio da narrativa do especial, que aponta questões do presente, como o número de desempregados, adicionando novas camadas temporais a essas vivências na cidade.

Em “Cicatrizes”, a proposta é apresentar “as marcas deixadas na história e no percurso de um ribeirão que corta o coração de Belo Horizonte”. O Rio Arrudas é o personagem central desse especial e ganha uma certa biografia, com registros sobre seu local de nascimento, histórico de tragédias, problemas atuais enfrentados e possíveis soluções. Para tanto, são ouvidos moradores próximos ao rio, ambientalistas e especialistas, como Josiane de Jesus, gerente do Parque das Águas, no Barreiro, onde o rio nasce; Vanderlei da Silva e Bruno Caboclo, moradores do entorno do rio; Márcio Batista, professor da Escola de Engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais; e Apolo Heringer, ambientalista, além de ser apresentado um vídeo com imagens e uma linha do tempo marcada por tragédias que aconteceram no Rio Arrudas, tais como enchentes e queda de automóveis.

Um ponto interessante a respeito desse especial é o protagonismo do Rio Arrudas, que corta boa parte da cidade e que, principalmente no período de chuvas, relembra sua existência embaixo de canalizações, já antecipadas no *teaser* que apresenta esse especial:

O Parque das Águas, no Barreiro, abriga uma das nascentes do Arrudas. É uma rara fonte de água limpa do ribeirão no limite urbano. Mas, basta atravessar a rua, e ele já está poluído. As marcas desse descaso se estendem por seus 26 km canalizados. As enchentes deixam cicatrizes na história de BH. Especialistas criticam a canalização. Motivo: alterou o curso natural do ribeirão. O Arrudas foi sendo coberto ao longo do tempo. São 4,2 km sob asfalto entre o Calafate e o Santa Efigênia. Na Avenida dos Andradas, lixo e esgoto



agravam suas feridas. Até desembocar no Rio das Velhas, entre BH e Sabará. O Arrudas tem solução? (ESTADO DE MINAS, 2017).

As temporalidades em tensão nos depoimentos registram tanto momentos nostálgicos, como presentes na fala de Vanderlei da Silva, morador mais antigo – que já pescou no rio e tem saudades deste tempo –, quanto de especialistas sobre as transformações do rio ao longo dos anos em função do modelo de desenvolvimento adotado na cidade. Por outro lado, há uma dimensão de futuro nas falas dos ambientalistas, que vislumbram possibilidades de tratamento do rio. Em todos os casos, o tom reivindicatório, especialmente no depoimento do morador Bruno Caboclo, está presente, quer cobrando soluções para o rio tornar a viver, quer demonstrando a insatisfação por serem esquecidos pelo poder público e sofrerem com enchentes historicamente causadas pelo Arruda: “Aqui não existe, este lugar não existe. (...). A gente mora na beira de um córrego que quando chove a gente perde tudo. (...) A sensação é muito ruim” (ESTADO DE MINAS, 2017).

A linha do tempo, sem locução, aponta as tragédias por meio de fotos, o que leva ao entendimento da dimensão histórica dos problemas relatados e da falta de solução que permanece ano após ano. Trata-se de uma iniciativa de memória que visa a realçar a historicidade dos problemas enfrentados pelo rio, que se orienta a serviço de questões atuais e de projeções para o futuro. Assim, se a linha do tempo mostra os registros dessas cicatrizes que permanecem na cidade, os depoimentos dos moradores as vinculam à experiência daqueles que vivenciam essas chagas, enquanto as falas dos especialistas apontam para soluções possíveis.

“Memórias” é um especial que se difere dos demais em relação à estrutura narrativa e às temporalidades que aciona. Trata-se do único especial cujos depoimentos não são atuais, uma vez que apresenta trechos sobre Belo Horizonte retirados de livros de escritores ilustres que, de alguma forma, vivenciaram a cidade à sua época: Carlos Drummond de Andrade, Henriqueta Lisboa, Fernando Sabino e Pedro Nava, que foram homenageados com estátuas em tamanho real espalhadas pela região central de Belo Horizonte. Por esse motivo, o subtítulo do especial: “Estátuas narram lembranças da capital de valores ambivalentes em eterna escrita”.

Sob o olhar de cada escritor, a cidade é apresentada. Cada vídeo traz um lugar que atua como símbolo da cidade e que marcou a vida dos escritores: Praça da Liberdade, Parque Municipal, Viaduto Santa Tereza e Praça Milton Campos, cartões-



postais que figuram em imagens que encenam um antes e depois/ontem e hoje. O entrevistado, Fabrício Marques, explica como os escritores participaram ativamente da vida da cidade e como a literatura apresenta Belo Horizonte, cidade provinciana e moderna, lenta e veloz, moderna e reacionária. Curiosamente, é atribuído o título de “Memórias” justamente às falas das estátuas de escritores mineiros. A memória, aqui, parece ser legitimada pelo fato de serem escritores reconhecidos e por terem essas lembranças fixadas na literatura sobre a cidade. O que se escreveu sobre a cidade, na voz dos seus ilustres escritores, funciona como um acionador de outras temporalidades, permitindo alcançar um passado da cidade que é também reforçado pela presença da fotografia daquele espaço em outro período. Aquela cidade registrada em suas palavras só existe como memória, tanto fotográfica quanto revisitada em seus escritos. Por outro lado, ao ser justaposta à cidade de hoje, acrescenta novos sentidos às localidades às quais se referem.

O especial “Gerações” tem um formato também peculiar. Numa roda de conversa, moradores dos 20 aos 70 anos debatem o que suas gerações deixam de legado para BH. Os participantes são Cleuson Corrêa, dono de bar tradicional na cidade; Teffy Angel, cantora de funk; Lucinha Bosco, cantora de samba; Gustavo Elias, fundador de startup; e Luciana Féres, arquiteta.

Apesar de estarem juntos, cada um tem um vídeo com um trecho de sua fala em destaque. Aqui, nota-se que a diversidade – tanto de idade quanto de classe social, profissões e relação com a cidade – é o mote para o especial, que evidencia, nas falas dos entrevistados, trechos que ilustram a necessidade de se criar uma cidade que agrega, inclui, e valoriza as pessoas em suas singularidades. Mais que acionar lembranças sobre Belo Horizonte, as falas convergem para uma dimensão de presente, mostrando como cada um a vê e, futura, com conjecturas sobre a cidade que cada um está ajudando a construir. Aqui, nota-se o desejo de valorizar uma cidade diversa, pulsante, que abriga uma heterogeneidade criativa (SANTOS, 2001).

“Paixões” aborda a biografia e relação de afeto de três senhoras torcedoras dos principais clubes mineiros – Zuleine Leão, conhecida como Dona Zuzu, de 83 anos, torcedora do América Futebol Clube; Ana Marques, a Vovó do Galo, de 97 anos, torcedora do Clube Atlético Mineiro, e Salomé da Silva, de 83 anos, torcedora do Cruzeiro Esporte Clube. Os três vídeos possuem estrutura narrativa semelhante, com tomadas das torcedoras no estádio, mescladas a imagens de casa, onde dão entrevista vestidas com camisa do time e adereços e envolvidas em recortes de



notícias e ornamentos com emblema do time para o qual torcem. Nas falas, comentam quando começaram a torcer e sobre loucuras já feitas pelo time e encerram cantando o hino do coração. As três torcedoras, destacadas pelos anos de dedicação aos times para os quais torcem, sintetizam os torcedores dos principais times da capital mineira e trazem, em suas falas, além das vivências como torcedoras e fãs dos clubes, a memória de cada um deles.

Os rios invisíveis da capital mineira são abordados em “Ambientes”, que assim se descreve: “Um mergulho em problemas e soluções na cidade que sufocou suas águas”. Aqui, há um movimento de retorno à questão da canalização feita nos rios em função do modelo de desenvolvimento adotado, o que, assim como mencionado no especial “Cicatrices” sobre o Rio Arrudas, vem historicamente causando uma série de problemas na capital.

Numa estrutura semelhante ao especial “Cicatrices”, são trazidos especialistas e moradores próximos às nascentes de ribeirões que cortam Belo Horizonte: Alessandro Borsagli, geógrafo e autor do livro “Rios Invisíveis”; Isabela Prado, artista plástica responsável pelo projeto de gravação do som dos rios subterrâneos; Josete Aquino, moradora da região Leste, onde se localiza a Bica do Noventa; Márcio Eustáquio, morador do bairro São Francisco, onde fica a Bica do Brejinho; e Marcus Polignano, presidente do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio das Velhas.

O tom reivindicatório também aparece, mesclado a propostas de conscientização ambiental, como pode ser observado na fala de Márcio Eustáquio: “Tem que ter uma autoridade responsável para resolver isso. Eu podia usar ela para uso doméstico. É água limpa, é nascente, se tratada, todo mundo poderia usar” (ESTADO DE MINAS, 2017).

Diferentemente do especial “Cicatrices”, nos vídeos deste especial, há a presença de elementos gráficos que trazem informações sobre número de nascentes catalogadas em Belo Horizonte, nascentes recuperadas e que ainda precisam de recuperação, tempo necessário para concluir esta tarefa, entre outros. Aqui, ao lançar tais dados junto aos depoimentos, o especial parece se colocar, também, como agente, ponderando e lançando questões sobre o problema atual que é a poluição dos rios da cidade.

Em “Entornos”, destaca-se a relação entre Belo Horizonte e as cidades de seu entorno, bem como o trânsito de moradores entre elas, o que fica evidenciado no subtítulo: “Vidas em trânsito entre os locais que fazem da cidade uma Grande BH”.



Os depoimentos são de Naiara Dias, assistente financeiro que reside em Belo Horizonte e trabalha em Contagem; Felipe Schepers, executivo de startup que vive em Nova Lima e trabalha em Belo Horizonte; e Maria Nogueira, babá que mora em Ribeirão das Neves e trabalha na capital mineira. Nas falas, são realçadas as diferenças entre as cidades, vantagens e desvantagens da vida em trânsito e o ponto comum do medo e da falta de segurança por andar à noite na volta do trabalho, especialmente para Naiara e Maria, que fazem uso do transporte público.

O “Amarelinho”, apelido do Circular 01, ônibus que roda somente na avenida do Contorno, ganha destaque no especial “Contornos”. O *teaser* que apresenta o tema traz fotos da comissão construtora da capital, imagens do mapa da cidade e do traçado da avenida criada para delimitar a cidade, numa abordagem memorialista:

Esta foi a comissão construtora de Belo Horizonte. A avenida 17 de Dezembro foi criada para contornar a cidade. Mas o plano original já previa áreas fora desse limite. Hoje, a Avenida do Contorno tem 12 km. Embarcamos no SCO1, linha de ônibus que percorre esse trajeto. E encontramos personagens que também reinventam seus próprios planos (ESTADO DE MINAS, 2017).

Esse tom, entretanto, é subvertido nos depoimentos, uma vez que a proposta, como consta no subtítulo, é apresentar “três histórias a bordo do amarelinho mais famoso da cidade”. A primeira delas é de José Paulo Saraiva, motorista do circular há 20 anos, que conta sua história de vida e de trabalho como motorista. Solange Soares, vendedora, usa o circular para ir à aula de dança flamenca, sobre a qual discorre em sua fala. Já a estudante Ana Mayrink, que mora perto da Contorno, aborda sua relação com o ônibus e a questão de estar dentro ou fora da avenida, o que não faz sentido, considerando que o que está fora é muito maior do que dentro. Se a avenida do Contorno tem uma presença simbólica de separação da região central da capital, apartando aqueles que não eram bem-vindos ao modelo de cidade moderna que se pretendia construir, aqui, ela, menos que exercer a função de fronteira, destaca-se por seu movimento como conectora de histórias de vida.

Em “Movimentos”, “um passeio de bicicleta em busca de grupos sociais e culturais que tiram Belo Horizonte do lugar”, são apresentados movimentos da cidade a partir do movimento de uma ciclista. Os escolhidos são o carnaval e a Praia da Estação, sobre os quais fala Guto Borges, historiador e músico; o ecossistema de



games, abordado por João Paiva, da Associação Mineira de Produtores de jogos; e os *foodtrucks*, apresentados por Felipe Corrêa, da Associação Mineira de *Foodtrucks*.

Além dos vídeos com os depoimentos, há vídeos com tomadas feitas por drones mostrando o passeio de bicicleta da ciclista por lugares da capital, tais como Praça da Estação, Praça Sete e Praça da Liberdade, com o mapa da cidade apontando para a localização da ciclista. Já as falas dos entrevistados giram em torno da percepção sobre o movimento na dinâmica da cidade e questões que precisam ser melhoradas para o desenvolvimento dos segmentos ali representados. Mais uma vez, Belo Horizonte é apresentada como uma cidade dinâmica, ensejando uma perspectiva de futuro que se quer para a cidade.

### **Considerações finais**

O acontecimento “aniversário de Belo Horizonte”, abordado como efeméride nas coberturas jornalísticas, foi tratado no especial “BH 120 anos” não apenas na sua dimensão de afetação do presente, mas também na sua relação com fatos passados e projeções de futuro. Parece dizer não somente de um gesto de memória inserido na rotina de cobertura de uma efeméride que, anualmente, toma a cobertura jornalística, mas também de um movimento de afirmação do jornalismo como agente de memória e parte da memória da cidade.

O projeto “BH 120 anos” agendou o acontecimento aniversário dos 120 anos de Belo Horizonte por meio de “pílulas” temáticas, feitas para os meios digital e impresso, que circularam em edições quinzenais por seis meses, de julho a dezembro de 2017, antecedendo o aniversário da capital mineira, comemorado em 12 de dezembro. Desse modo, não apenas abordou a efeméride no momento em que ela estava prevista, mas fez uma espécie de contagem regressiva por meio dos especiais diluídos nos seis meses anteriores, reforçando a importância da data como acontecimento histórico e colocando-se como peça fundamental da memória social que perpassa os sentidos de pertencimento, celebração e do próprio pensar a cidade de Belo Horizonte.

Descortinando as temporalidades e o gesto de memória empreendido em cada especial, nota-se que os depoimentos presentes no projeto “BH 120 anos”, entendidos como elementos centrais na narrativa, contribuem para dotar o acontecimento do aniversário de espessura temporal, em que passado, presente e



futuro são tensionados e ressignificados. Compõe-se um mosaico do projeto de cidade que o próprio jornalismo cria.

No jogo que se estabelece entre um relato biográfico, que, em certos casos, é marcado pela nostalgia, e as questões atuais sobre a experiência da cidade, percebe-se que o especial atua como agenciador dessas memórias e temáticas, colocando-se como mediador entre o individual e coletivo e mobilizando a memória em função das demandas presentes e de possíveis projetos de futuro para a cidade. No entanto, o gesto de memória empreendido pelo jornal, por mais que busque abrir o leque temático e de personagens, reforça certos lugares geográficos e simbólicos da cidade que reiteram um dizer oficial sobre ela. Isso pode ser percebido nos cenários que aparecem nos especiais, em maioria circunscritos à regional Centro-Sul e àqueles que cumprem a função de cartões-postais. Há ainda que se ver novos sentidos de cidade para além destes que são recorrentes na cobertura de efemérides.

Assim, se tomarmos as considerações de Huyssen (2000) e Ricoeur (2010) para pensar o caráter coletivo da memória, pode-se inferir que o especial “BH 120 anos” parece, muitas vezes, ancorar-se na perspectiva individual para alcançar a esfera da coletividade, tentando estabilizar, de certa forma, uma narrativa sobre um espaço compartilhado, mas que, ao mesmo tempo, aciona e tensiona temporalidades diversas.

Dessa forma, atuando mais que como um lugar de memória, nos termos de Huyssen (2000), o especial coloca-se como um enunciador de futuros possíveis para a cidade. Isso pode ser percebido na forte presença de personagens representantes de *startups*, segmento que passa por crescimento recente em Belo Horizonte. Ao inseri-los de forma tão incisiva nos especiais, o projeto parece reforçar esse segmento como aquele vinculado a um futuro desejado para a capital mineira, associando-o aos ideais de desenvolvimento, tecnologia e progresso que marcaram a própria fundação da cidade no final do século XIX. No entanto, reforçar esse ideal de modernidade, menos que dizer de um futuro, diz do próprio passado que marca a história de Belo Horizonte, em nome do qual várias obras foram feitas, como as de canalização de rios e córregos, que são a causa de muitos problemas vivenciados atualmente e evidenciados no próprio projeto.

Percebe-se que o jornalismo se coloca como um agente da memória da cidade tanto por meio do levantamento das temáticas abordadas, da escolha dos personagens, dos enquadramentos e realces aos quais são submetidos os



depoimentos, quanto pela interpretação e ressignificação que são propostas, criando uma moldura sobre a capital mineira. Por meio da inserção dessas escolhas e estratégias narrativas, parte da memória da cidade é construída e parte é reafirmada, estreitando o vínculo entre jornal e urbe.

---

## Referências

- ABREU, Maurício. Sobre a memória das cidades. In: CARLOS, A. F.; SOUZA, M. L.; SPOSITO, M. E. (Orgs.). A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. **Contexto**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 19-39, 2011.
- ANTUNES, Elton. Temporalidade e produção do acontecimento jornalístico. **Em questão**. Porto Alegre, v. 13, n.1, p. 25-40, jan/jun. 2007.
- ANTUNES, Elton. **Videntes imprevidentes**: temporalidade e modos de construção do sentido de atualidade em jornais impressos diários. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas). Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, 2007.
- AMORMINO, Luciana; MAIA, Ravena Sena; VALLE, Flávio. Crises do tempo na apreensão da cidade: memória e imaginário e páginas do Facebook. In: MAIA, Jussara et.al. (Orgs.). **Catástrofes e crises do tempo**: historicidades dos processos comunicacionais. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020, p. 413-428.
- BABO-LANÇA, Isabel. Acontecimento e memória. In. FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de. **Acontecimento**: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, p. 55-66.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ESTADO DE MINAS. Especial “BH 120 anos”. Disponível em: <<https://www.em.com.br/especiais/bh120/>>. Acesso em: 12 fev. 2020.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Vértice/Ed. Revista dos Tribunais, 1990.
- HUYSSSEN, Andréas. **Seduzidos pela memória**: arquitetura, monumentos, mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- LEAL, Bruno; SACRAMENTO, Igor. A tradição como problema nos estudos de comunicação: reflexões a partir de Williams e Ricoeur. *Galaxia*, Especial 1 – Comunicação e Historicidade, São Paulo, p. 22-33, 2019.
- MATHEUS, Letícia Cantarela. **Comunicação, tempo e história**: tecendo o cotidiano em fios jornalísticos. Rio de Janeiro: Mauad, 2014.
- MOUILLAUD, Maurice. O sistema das citações. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sergio Dayrell (Orgs.). **O jornal**: da forma ao sentido. Brasília: Paralelo 15, 1997.



NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. N. 10. São Paulo: 1993.

OLICK, J. K. Reflections on the underdeveloped relations between journalism and memory studies. In: ZELIZER, Barbie; TENEMBOIM-WEINBLATT, Keren (orgs.). **Journalism and memory**. New York: Palgrave Macmillan, 2014, p. 75-83.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

QUÉRÉ, L. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**. Revista de Comunicação, Cultura e Educação, nº 6. Lisboa: ISCTE, Casa das Letras, Editorial Notícias, 2005, p. 59-75.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; MADUEL, Itala. O JB é que era jornal de verdade: jornalismo, memórias e nostalgia. **Revista Matrizes**, v.12, n. 3, p. 257-276, set/dez. 2018.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tomo III. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2001.

★

Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.